



PROTAGONISMOS INDÍGENAS NA HISTÓRIA DO EXTREMO NORTE DO BRASIL:
DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA EM CONTEXTOS COLONIAIS

GIOVANI JOSÉ DA SILVA *

Considerações iniciais

A comunicação objetiva apresentar os resultados parciais de uma pesquisa que se debruça sobre a presença de missões jesuíticas na região do rio Oiapoque, atual Estado do Amapá, na fronteira Brasil-França (*Guyane* ou Guiana Francesa), na primeira metade do século XVIII, e as relações estabelecidas entre os religiosos e as populações indígenas que então viviam ali. A partir da leitura e análise de trabalhos da antropóloga Antonella Maria Imperatriz Tassinari, foi possível uma primeira aproximação com a temática, ainda pouco estudada e não (re)conhecida por historiadores e outros pesquisadores que se dedicam ao estudo do passado da região. A maior parte do acervo documental, composto por cartas e documentos escritos por padres jesuítas, encontra-se em língua francesa e é necessária, ainda, uma “garimpagem” em arquivos da França e de outros países para a obtenção de informações mais completas e consistentes a respeito da presença dos inacianos em terras do Norte da América do Sul.

A aproximação do autor com a temática ocorreu quando da participação, como docente, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, oferecido pela Unifap (Universidade Federal do Amapá) a acadêmicos indígenas de distintas etnias presentes no Amapá e Norte do Pará. Durante as aulas de História e Antropologia para uma turma de alunos em que se faziam presentes índios e índias Galibi Kali'nã, Galibi Marworno, Karipuna, Palikur e Wajãpi, percebeu-se que pouco ou nada se sabia sobre a presença de missões jesuíticas entre os índios do Oiapoque em tempos pretéritos. Das discussões originadas em sala de aula, propôs-se uma pesquisa em obras de historiadores, cronistas, antropólogos e outros, a fim de se verificar em quais obras havia menção ao passado jesuítico na região.

Há dois trabalhos de Tassinari que mencionam especificamente as missões jesuíticas no Oiapoque: um deles trata-se de um texto publicado no periódico **Antropologia em primeira mão**, da Universidade Federal de Santa Catarina (TASSINARI, 2000). O outro constitui-se em trecho da obra **No bom da festa**, edição da tese de doutorado em

* Unifap (Universidade Federal do Amapá). Doutor em História (UFG) e Pós-Doutor em Antropologia (UnB). Agradecimentos ao CNPq pelo financiamento da pesquisa “História e Antropologia em fronteiras” (Chamada MCTI/ CNPq/ Universal 14/ 2014).

Antropologia Social, defendida pela autora na Universidade de São Paulo (TASSINARI, 2003). Em ambos os textos a antropóloga fez uso de documentação do século XVIII, especialmente cartas de padres jesuítas, contidas na obra **Lettres édifiantes e curieuses...** (AIMÉ-MARTIN, 1839), além de comentários a essas cartas em obras do viajante Henri Coudreau (1893) e do etnógrafo Curt Nimuendaju (1926). Outras referências utilizadas são as obras de Jean Marcel Hurault (1972), Dominique Gallois (1986) e Henri Froidevaux (1901). Como afirma a própria autora, seu trabalho “Não se trata de um levantamento exaustivo sobre o tema, mas de uma aproximação à história das missões e das relações estabelecidas entre os povos indígenas do Oiapoque e o cristianismo” (TASSINARI, 2000: 2).

O desafio de quem se debruça sobre o assunto, além de lidar com a escassez de fontes, está em perceber os protagonismos indígenas a partir dos indícios, vestígios e pistas deixados pelos religiosos em suas missivas. A partir do que sugere o historiador italiano Carlo Ginzburg (2001), é importante procurar dar atenção aos sinais que possam ajudar a reconstruir as trajetórias indígenas no passado, mais do que propriamente tentar encontrar “provas concretas” que estabeleçam “verdades” sobre o que teria acontecido. Afinal, de acordo com Ginzburg (2001, p. 157), “[...], o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural”. Daí a necessidade de se lançar também um olhar antropológico sobre as fontes disponíveis e, à maneira de um inquisidor do século XVII, fazê-las contar o que sabem (GINZBURG, 1989).

Os jesuítas nas Américas: operários de uma vinha estéril?

As missões jesuítas no continente americano, também chamadas de reduções (ou *reducciones*, em Espanhol) foram aldeamentos indígenas organizados e administrados por padres jesuítas no Novo Mundo, como parte de uma obra de cunho “civilizador” e evangelizador. O objetivo principal das missões jesuítas foi o de tentar criar uma sociedade isenta de vícios e maldades, com os “benefícios” e as “qualidades” da sociedade cristã europeia. As missões foram fundadas por jesuítas em toda a América colonial, tendo-se destacado as missões do Centro-Sul da América do Sul, sobretudo as implantadas entre os indígenas Guarani. Houve missões instaladas desde o atual território dos Estados Unidos da América, passando por México e países centro-americanos, até as florestas da Amazônia (RADDING, 2005).

Sobre a gênese da Companhia de Jesus, a ordem religiosa dos jesuítas, José Carlos Sebe (1982: 33) afirma que:

A Companhia de Jesus, [...], com propósitos e objetivos típicos da época, surge como resposta católica à necessidade reformista da Igreja, tendo o fim determinado de lutar, em todas as partes do mundo, pelos ideais de Deus. Seu principal fundador foi Inácio de Loiola que, submetendo seus valores espirituais à prova, conscientizou-se do ideal católico e da decorrente missão que lhe cabia como cristão romano: optou por ser soldado de Cristo.

Os “soldados de Cristo” aportaram em terras americanas com o firme propósito de evangelizar, catequizar e, em última instância, “salvar as almas” dos gentios. Engana-se, porém, quem pensa que ao se falar em missões jesuíticas, está se falando de uma história de conversão irrestrita e submissão dos indígenas aos ditames dos religiosos inicianos. As missões se constituíram em palco de negociações, trocas, acordos (nem sempre cumpridos por ambas as partes), litígios, conversações e diálogos marcados por ruídos de comunicação, próprios de situações de contato entre diferentes culturas, línguas e modos de viver e representar a vida. Os indígenas não aceitaram pacificamente o Outro em suas vidas e tampouco esse Outro, representado pelos jesuítas, manteve-se incólume à presença indígena.

Como frisa o historiador e arqueólogo Arno Alvarez Kern (2003: 33):

As pesquisas em andamento permitem-nos perceber a complexidade sócio-cultural existente nestes povoados coloniais. Guerreiros indígenas e missionários jesuítas tiveram encontros e desencontros enquanto discutiam, a partir da tradição cultural das práticas sociais indígenas e da cultura européia cristã, as novas formas que assumiriam as complexas realidades sociais que emergiam. Estas complexas relações ocorreram em uma série de oposições e continuidades, nestas fronteiras culturais entre as sociedades em presença.

Assim, as missões religiosas jesuíticas francesas no extremo Norte da América do Sul, assim como na América Portuguesa, eram vistas como “[...] instrumentos importantes da política colonial, empreendimentos de expansão territorial e das finanças da Coroa, [...]”, constituindo-se em “[...] unidades básicas de ocupação territorial e de produção econômica [...]”, onde houve “[...] uma intenção inicial explícita de promover uma acomodação entre diferentes culturas homogeneizadas pelo processo de catequese e pelo disciplinamento do trabalho” (OLIVEIRA, 2004, p. 25). Contudo, as localizadas na área do Oiapoque, na primeira metade do século XVIII, não tiveram vida longa e nem reuniram grandes contingentes de população indígena.

Há uma vasta literatura sobre as missões que ocuparam o Centro-Sul da América do Sul (HAUBERT, 1968; GADELHA, 1980; QUEVEDO, 2000) e também sobre a obra jesuítica nas Américas (QUEVEDO, 1997; KERN, 2003) e, especificamente, no Brasil (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006), mas ainda há lacunas a serem preenchidas pelos trabalhos de historiadores brasileiros que se debruçam sobre outras experiências na América do Sul, tais como as missões de Chiquitos, no Oriente boliviano, ou as de Oiapoque. Para as primeiras, há em língua portuguesa o instigante trabalho da antropóloga Denise Maldini Meireles (1989), que alia História e Antropologia para contar a trajetória espacial e temporal dos indígenas que habitavam o Vale do rio Guaporé, no século XVIII, nas fronteiras entre as Coroas espanhola e portuguesa.

As missões jesuíticas no Oiapoque: entre vestígios e esquecimentos

Se para as missões jesuíticas localizadas em outros pontos das Américas há uma gama de estudos abordando diferentes aspectos da vida indígena nos aldeamentos/ reduções, o mesmo não se pode dizer, ainda, das missões localizadas entre o atual Estado do Amapá (Brasil) e a *Guyane* (França). Contudo, pelo que pouco que se sabe até o momento, é possível estabelecer comparações entre, por exemplo, aquelas e as missões localizadas entre os Guarani, na região do Prata. A esse respeito, Tassinari (2003: 92) afirma que:

Apesar da necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre as missões jesuíticas do Oiapoque, [...] é possível notar considerável diferença das missões da mesma ordem implantadas entre os Guarani no Paraguai, Uruguai e sul do Brasil. A imagem daquelas grandes reduções jesuíticas é muito diversa desses pequenos estabelecimentos do Oiapoque, que parecem, à primeira vista, à semelhança das missões entre os Galibi da costa, ter oferecido alguma proteção aos povos indígenas enquanto estes mantinham suas habitações dispersas e relativamente distantes das sedes das missões. Isso provavelmente impossibilitou o controle do cotidiano das aldeias da parte dos missionários, garantindo uma certa autonomia aos povos indígenas ligados às missões.

Ainda que não sejam trabalhos dedicados especificamente à compreensão diacrônica da presença jesuítica entre os índios da região do Oiapoque, é possível se encontrar referências às missões nos estudos de historiadores que vêm, nos últimos anos, pesquisando a história das antigas “terras do Cabo Norte”, atual Estado do Amapá. O historiador Carlo Romani, por exemplo, se refere à existência das missões jesuíticas no Oiapoque, observando que no jogo de interesses da colonização da parte sul do continente americano:

[...] os franceses, mostraram-se coerentes com seus negócios, pouco se preocupando em submeter seus nativos à fé cristã. Os portugueses queriam muito mais: ocupar o território, converter, submeter e disciplinar as almas pagãs. Não que os franceses não tenham tentado a colonização do território através da catequização de seus gentios. Há relatos de expedições de guerra e escravização contra os *Tucujus* no início da colonização francesa à região da Guiana (fins do século XVII) e também o estabelecimento de missões jesuíticas francesas na região do Oiapoque durante o século XVIII. Mas trata-se de casos esporádicos e não de uma estratégia sistemática para o domínio e a ocupação do novo território (ROMANI, 2013: 33-34; itálico no original).

Na atualidade, há referências etnográficas esparsas sobre as missões jesuíticas na região entre os indígenas. Pierre e Françoise Grenand, o casal de antropólogos franceses que há anos pesquisam os Wajãpi na Guiana Francesa, por exemplo, ao se referirem à categoria dos “padres” (*mope*) entre aqueles indígenas, afirmam que:

Essa categoria de brancos tem uma representação ínfima, e os Waiãpi do norte raramente vêem alguns de seus membros. A designação, corruptela do francês “mon père” (padre), herdada dos grupos instalados junto às missões jesuíticas do Oiapoque no século XVIII, dá origem a brincadeiras por lembrar o nome francês da fruta taperebá, “*monbin*” (*Spondias monbin L.*). Nenhuma referência explícita aos missionários de antigamente parece ter sido conservada pela história oral waiãpi, embora vestígios esparsos da influência cristã apareçam na mitologia (GRENAND; GRENAND, 2002: 166-167).

Os trabalhos de Tassinari (2000; 2003) se concentraram em torno do conteúdo de três cartas do Padre Fauque, jesuíta que, a partir de 1725, desenvolveu incansável trabalho de estabelecimento de contato com os povos indígenas da região do Oiapoque. Tais cartas, datadas de 1736, 1738 e 1744, narram parte do cotidiano das atividades do jesuíta entre os índios, em que são citados, com certa frequência, os Palikur. Atualmente, o Oiapoque, no lado brasileiro da fronteira, é habitado por descendentes deste grupo, além de índios Galibi Kali'nã, Galibi Marworno e Karipuna. Sobre as cartas, ainda há muito a ser investigado, inclusive sobre a presença de índios Wajãpi nas antigas missões, já que esses índios hoje vivem dos dois lados da fronteira Brasil-França, tendo os Wajãpi do lado brasileiro migrado para locais distantes do Oiapoque, dentro do Estado do Amapá.

Considerações finais

Da leitura de uma parte da documentação encontrada, já é possível compreender-se que os maiores problemas enfrentados pelos religiosos e dos quais os mesmos se queixam constantemente em suas cartas foram a diversidade linguística dos índios, além das

dificuldades de comunicação e a propagação de doenças entre os indígenas reduzidos. A partir de um estudo que procura aliar ferramentas teórico-metodológicas da História e da Antropologia, dentre outras áreas do conhecimento, afirma-se ser possível a recuperação dos protagonismos exercidos por personagens indígenas e das tramas que estiveram, por muito tempo, relegadas ao esquecimento em uma região cuja história ainda é pouco conhecida, inclusive localmente. Espera-se, dessa forma, colaborar com as pesquisas de abordagens interdisciplinares, em contextos coloniais, a respeito da presença indígena em tempos pretéritos em diferentes pontos geográficos do (atual) Brasil, sem se recorrer à equivocada ideia dicotômica de história indígena *versus* história colonial, uma vez que ambas estão profundamente (e por vezes dolorosamente) entrelaçadas.

A inserção dos jesuítas em toda a América modificou profundamente a vida dos indígenas reduzidos, mesclando conhecimentos tradicionais dos nativos com os valores cristãos e europeus trazidos pelos inicianos. Em outras palavras, teria ocorrido um encontro/desencontro/ confronto característico de áreas de fronteiras, entre as Coroas francesa e portuguesa nas Américas, entre os religiosos e as etnias indígenas que habitavam, na primeira metade do século XVIII, a região do rio Oiapoque. Tentativas de convivência, imposição de novas pautas culturais, ressignificação de práticas e representações, diálogos interculturais e resistências foram ingredientes presentes nessa história. Uma experiência, sem dúvida, radicalmente transformadora para ambos, missionários e indígenas.

Ao se encontrar vestígios sobre a presença de missionários jesuítas na região do atual Oiapoque, verificou-se ser possível construir narrativas que reunissem o maior número possível de informações que pudessem compor um quadro (ou, pelo menos, um mosaico) em que se combinariam contribuições da História e da Antropologia. A partir de indícios, pistas e sinais deixados pelos padres jesuítas em suas cartas, mesmo nos trechos em que se queixam das dificuldades em catequizar os índios, dada a “inconstância da fé desses povos”, observa-se a movimentação dos índios em torno dos religiosos, ora se aproximando, ora se afastando, de acordo com seus próprios interesses e vontades. Se no caso do Oiapoque não sobreviveram textos, músicas ou outras formas de registros escritos da presença jesuítica, necessário se faz buscar “aliados” da História na construção dessas narrativas.

A Arqueologia, bem como a Geografia, a Linguística e tantas outras áreas do conhecimento, podem complementar informações, possibilitar novos enfoques, além de permitir que povos ágrafos ganhem contornos mais verossímeis de suas existências em

tempos pretéritos. Se faltam registros escritos deixados pelos próprios índios, o olhar antropológico sobre as poucas fontes disponíveis permite entrever uma miríade de comportamentos, gestos, falas e silêncios que, em conjunto, contam histórias de protagonismos indígenas no Oiapoque, nas antigas “terras do Cabo Norte”. Afinal, como afirma Meireles, inspirada no historiador francês Georges Duby, “Se não podemos jamais captar certos fenômenos, momentos e imagens, podemos [...] justapor restos, fragmentos de lembranças e envolvê-los como o imaginário para tentar ligá-los” (MEIRELES, 1989: 69).

Referências

AIMÉ-MARTIN, Louis (Ed.). **Lettres édifiantes et curieuses, concernant l'Asie, l'Afrique et l'Amerique, Avec quelques nouvelles des Missions et des notes géographiques et historiques**. 2 volumes. Paris: A. Desrez, 1839.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. **Operários de uma vinha estéril – os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil – 1580-1620**. Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru: Edusc, 2006. 628 p.

COUDREAU, Henri. **Chez nos Indiens – Quatre Annés dans la Guyane Française (1887-1891)**. Paris: Hachette et. Cie., 1893.

FROIDEVAUX, Henri. Le “Lettres Édifiantes” et la description de la Mission de Kourou. **Journal de la Société des americanistes**, Paris, tomo III, p. 177-185, 1901.

GADELHA, Regina Maria A. F. **As missões jesuíticas do Itatim: estruturas sócio-econômicas do Paraguai Colonial, séculos XVI e XVII**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 342 p. (Estudos latino-americanos, v. 15).

GALLOIS, **Migração, guerra e comércio: os Waiãpi na Guiana**. São Paulo: USP, 1986. 348 p. (Série Antropologia, 15).

GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo: uma analogia e suas implicações. In: Ginzburg, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Trad. Antônio Narino. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1989. p. 203-214.

_____. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 143-179.

GRENAND, Pierre; GRENAND, Françoise. Em busca da aliança possível: os Waiãpi do norte e seus brancos (Guiana Francesa). In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita. **Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico**. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 145-178.

HAUBERT, Maxime. **A vida cotidiana no Paraguai no tempo dos jesuítas**. Trad. Virgínia Motta. Lisboa: Livros do Brasil, 1968. 328 p.

HURAUULT, Jean Marcel. **Français et Indiens en Guyane, 1604-1972**. Paris: Union Générale d'Éditions, 1972.

KERN, Arno Alvarez. Fronteiras e missões coloniais: continuidades e oposições culturais. **Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, UFMT, v. 4, n. 1, p. 33-48, jan./jun. 2003.

MEIRELES, Denise Maldi. **Guardiães da fronteira: Rio Guaporé, século XVIII**. Petrópolis: Vozes, 1989. 213 p.

NIMUENDAJU, Curt Unkel. Die Palikur-Indianern und ihre Nachbarn. 1926. 147 p. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/biblio:nimuendaju_1926_palikur>. Acesso em 15 jun. 2015.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (Org.). **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contracapa/ Laced, 2004. p. 13-42. (Territórios Sociais).

QUEVEDO, Júlio. **As missões: crise e redefinição**. São Paulo: Ática, 1997. 104 p.

_____. **Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata**. Bauru: Edusc, 2000. 252 p.

RADDING, Cynthia. **Landscapes of power and identity: comparative histories in the Sonoran Desert and the forests of Amazonia from Colony to Republic**. Durham/ London: Duke University Press, 2005. 431 p.

ROMANI, Carlo. **Aqui começa o Brasil!** História das gentes e dos poderes na fronteira do Oiapoque. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013. 215 p.

SEBE, José Carlos. **Os jesuítas**. São Paulo: Brasiliense, 1982, 87 p. (Tudo é História, 57).

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Missões jesuíticas na região do Rio Oiapoque. **Antropologia em Primeira Mão**, Ilha de Santa Catarina, UFSC, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, n. 43, 12 p., 2000.

_____. **No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá**. São Paulo: Edusp, 2003. 413 p.

